

Melissa Tobias

A realidade de Madhu

TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



São Paulo 2020

Copyright © 2014 by Melissa Tobias
Copyright © 2014 by Novo Século Editora
All rights reserved

Coordenação Editorial: Letícia Teófilo
Diagramação: Luiz Fernando Chicaroni
Capa: Monalisa Morato
Preparação: Ana Lúcia Neiva
Revisão: Fabrícia Romaniv

Diagramação para Ebook: Luiz Fernando Chicaroni

Texto adequado às normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tobias Melissa

A realidade de Madhu / Melissa Tobias. -- Barueri, SP:
Novo Século Editora, 2014. -- (Talentos da literatura brasileira)

1. Ficção brasileira I. Título II. Série.

14-10146

CDD-869-9308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.9308762

2014

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

CEA - Centro Empresarial Araguaia II

Alameda Araguaia, 2190 - 11º andar

Bloco A - Conjunto 1111

CEP 06455-000 - Alphaville Industrial - SP

Tel. (11) 3699-7107 - Fax (11) 3699-7323

ISBN: 978-85-428-334-1

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Links](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

[Capítulo 4](#)

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Informações

“Todas as religiões do mundo estão falando da mesma Realidade. Elas usam palavras diferentes, mas há somente um Espírito se movendo através de toda a vida. Pode haver diferentes técnicas para chegar lá, mas há somente uma que é real e, quando você está lá, você sabe. Qualquer que seja o nome que você dê a ela – você pode chamá-la de diferentes nomes – é tudo uma coisa só.”

Drunvalo Melchizedek

Capítulo 1

Tempo cronológico no planeta Terra:
setembro, ano de 2019.

Ela sabia que tinha de fugir de lá antes que o médico voltasse. Ele era perigoso e poderia tentar lhe matar.

Assim que viu a oportunidade de fugir, saltou da cama hospitalar. Estava descalça, sentiu o frio gélido na sola de seus pés ao tocarem no piso branco de ladrilho. Usava somente camisola, mas não tinha tempo a perder procurando uma roupa. Tinha de fugir daquele hospital, rápido!

Abriu lentamente uma fresta da porta para dar uma espiada. O corredor estava vazio. Podia sair.

Ao sair, observou o número na porta de seu quarto, era o 33. Começou a correr na direção do quarto 32. Correu por vários corredores procurando uma saída, mas não a encontrava. Estava perdida.

Cansada de correr, parou para respirar e pensar por qual lado deveria seguir. Olhou para os dois lados do corredor e então viu uma porta à frente. Estava diante do quarto 33, o seu quarto!

Assim que abriu os olhos, Madhu ficou confusa, o sonho fora muito real. Olhou ao redor e só então percebeu que não se lembrava de onde estava. Não entendia como havia chegado naquele peculiar espaço. Estava pávida com a situação. Usava sua calça jeans surrada preferida, uma camiseta *baby look* verde com estampa do Mestre Yoda de *Star Wars* e o velho tênis *All Star* vermelho.

Encontrava-se sozinha naquela distinta e impecável

alcova. Tudo naquele espaço era impecavelmente branco, até mesmo o leito no qual acordara. Apesar de aparentemente ser feito de pedra, era confortável, tinha temperatura agradável, parecia macio, o que era ilógico, como tudo naquele lugar.

A farta iluminação vinha das paredes. Sem nenhum foco principal, toda a parede reluzia. Não havia nada que parecesse habitual.

Sentou-se lentamente, pois sentia seu corpo pesado e uma leve tontura. Olhou ao redor novamente à procura de uma porta. Não havia nenhuma. Havia apenas um aparato anômalo ao lado do leito que estava centralizado na alcova. Observou adesivos dourados de formato triangular fixados em sua testa e na parte medial de seu antebraço. Teve o impulso de retirá-los, não sabia o que era aquilo.

Ao remover o adesivo da testa, notou que o mesmo se assemelhava a um chip de celular. Ele possuía terminações douradas, era maleável, resistente e flexível. Puxou os demais adesivos insólitos de seu antebraço e se concentrou para lembrar como foi parar naquele inabitual local.

Sua última lembrança era dirigir seu velho Fiat 500c branco perolado, numa estreita estrada de terra, a caminho do haras que pertencia ao grande amigo de seu pai. Madhu adorava montar a cavalo e quase todos os fins de semana passava ótimos momentos cavalgando nas colinas verdes da grande Fazenda Harmonia, que ficava a apenas vinte minutos de sua casa.

Madhu sempre morou com a família numa chácara, num condomínio fechado na cidade paulista de São Roque. Grande parte do residencial era formado pela Mata Atlântica, área de preservação florestal e soltura de animais protegidos pelo Ibama. As chácaras mantinham longa distância umas das outras, sendo separadas por vegetação virgem, dando a impressão de estarem isoladas dentro de

uma floresta. Madhu sempre gostou de viver em contato íntimo com a natureza. Cresceu brincando entre árvores, pisando com os pés descalços na terra, nadando no pequeno riacho que corria atrás de sua rústica casa de madeira, a qual era pintada de amarelo ouro.

Ela estava cursando o primeiro ano de Arquitetura na Universidade Belas Artes, em São Paulo. De segunda a sexta, viajava sessenta quilômetros até São Paulo, assistia às aulas e voltava. Ter contato diário com uma grande metrópole caótica e poluída fez Madhu valorizar ainda mais o fato de viver isolada numa chácara com sua família.

Atordoada e confusa, só então Madhu percebeu que estava com a boca seca e muita sede. Quando começou a se levantar do leito para procurar uma saída, teve um sobressalto ao ouvir uma suave voz masculina atrás dela.

– Não acho uma boa ideia se levantar, ainda está muito fraca.

Virou-se assustada na direção da voz. O rapaz tinha uma aparência excêntrica e angelical. *De onde ele saiu, ou melhor, entrou?*, pensou Madhu.

– Que lugar é esse? Como vim parar aqui? – perguntou Madhu, ansiando por uma resposta.

Hipnotizada pelos grandes olhos cor de fúcsia do estranho e sua beleza exótica, um tanto celestial, Madhu não conseguia deixar de olhá-lo. Ele tinha cabelo loiro platinado, liso até os ombros, parecia ter cerca de vinte e cinco anos de idade. Um imponente jovem atlético de aproximadamente dois metros de altura, com traços angelicais, vestindo uma túnica branca com uma estampa de um pequeno dodecaedro dourado no peito.

– Sou o Dr. Behosa Prakasa, cientista da nave Shandi33, na qual nós estamos. A senhorita Madhu não deveria ter retirado os infropectos – disse o cientista.

Aproximando-se do excepcional aparato ao lado do leito

onde Madhu permanecia sentada, o excêntrico cientista Dr. Behosa pinçou com os dedos uma tela holográfica que possuía diversos códigos desconhecidos para terráqueos. Ele digitou rapidamente alguns códigos, e a máquina robótica alienígena ejetou adesivos idênticos aos que Madhu havia retirado de sua testa e antebraços.

Eram tantas as perguntas na cabeça de Madhu, que ela nem sabia por onde começar. Mas, por mais absurdo que pudesse parecer, ela não estava assustada. A simples presença do cientista de ar angelical a acalmava, ele transmitia segurança e confiança.

– Eu só vou deixar você grudar esses *negócios* em mim depois que responder às minhas perguntas. Como vim parar aqui? O que quis dizer com nave? Por que não me lembro de nada que aconteceu? E para que servem esses negocinhos que quer grudar em mim? – questionou Madhu, ansiosa.

– Estamos em uma nave intergaláctica, que é uma nave espacial projetada para viajar por toda a nossa Galáxia. Quando necessário, também viajamos para outras partes do Universo e até mesmo fora dele – respondeu Behosa. – O trauma ainda lhe impede que se lembre dos últimos acontecimentos que se passaram com você no planeta Terra. O que chama de *negocinhos* são os infropectos. Servem para sua segurança, pois monitoram seu estado de saúde física, mental e emocional.

Madhu ficou estática por uns minutos para digerir a peculiar informação recebida. Não poderia estar sonhando, pois se sentia mais lúcida e viva do que nunca. Talvez tudo aquilo se tratasse de uma experiência científica psicológica na qual era cobaia. Mesmo assim, não fazia sentido. Nada ali fazia sentido. Mergulhada na sua frustrante reflexão, Madhu nem se deu conta que o Dr. Behosa já havia fixado os infropectos na parte medial de seu antebraço branco.

Questionou-se se seria possível aquele belíssimo homem estar dizendo a verdade. Ela tinha de descobrir.

– Está me dizendo que fui abduzida? – perguntou Madhu, olhando o infropecto grudado em seu antebraço.

– A senhorita Madhu foi abduzida pelo próprio bem e pelo bem de todos.

O Dr. Behosa estava ansioso para que Madhu acordasse. Tinha grandes interesses no DNA dela. E Madhu era perfeita e única para seu audacioso projeto: uma jovem de 19 anos, com um metro e setenta e seis centímetros de altura, silhueta longilínea, pesando apenas cinquenta e sete quilos. Tinha o cabelo ruivo acobreado comprido e ondulado, caído quase até a cintura, pele muito branca, cheia de sardas no rosto, ombros e braços, uma invejável boca carnuda, nariz arrebitado e olhos cor amarelo âmbar. Mas o que interessava para Behosa era a alma de Madhu, o seu raríssimo DNA etéreo, cujas preciosas informações estavam guardadas em seu DNA físico.

– Espera aí, como sabe meu nome? – quis saber Madhu, se dando conta de que em nenhum momento havia dito seu nome.

– Não é a primeira vez que a senhorita acorda neste laboratório. Estamos monitorando você há algum tempo.

Ah, que ótimo!, pensou Madhu com sarcasmo. – Pelo menos existe água neste lugar? – indagou Madhu. Estava com tanta sede que acreditava ser esse o motivo de estar com seu discernimento prejudicado.

Terminando de fixar o último infropecto na testa de Madhu, Dr. Behosa digitou novos códigos na tela holográfica e o exótico aparato ejetou um cone de titânio cheio de água.

– É uma água especial, medicinal, vai fazer você se sentir melhor. Beba tudo. Precisamos ir – informou Behosa.

Madhu verteu toda a água de uma só vez. E o Dr.

Behosa tinha razão. Madhu se sentia muito melhor depois de beber a suspeita água medicinal, todo o seu mal-estar passou.

Behosa pegou o cone de titânio vazio das mãos de Madhu e o devolveu ao aparato alienígena. Seguiu no sentido da parede e, antes que se esbarrasse nela, ela se abriu de cima para baixo, sem produzir nenhum ruído, revelando um enorme corredor iluminado pelas próprias paredes.

– Vamos! – chamou o Dr. Behosa ao ver que Madhu continuava sentada, sem acreditar no que via.

Madhu seguiu o Dr. Behosa curiosa.

– Vamos? Para onde? – a garota queria saber.

Behosa ignorou Madhu e continuou andando em passos largos com suas longas pernas. Madhu acelerou os passos para acompanhar Behosa.

Não andaram muito no corredor e logo entraram num vasto compartimento de paredes brancas radiantes. O compartimento espaçoso parecia não ter teto. Olhando para cima, Madhu só conseguia ver um breu fantasmagórico. Bem no centro do colossal compartimento havia uma grande nave em formato tetraédrico estrelado com uma das pontas abertas e uma escada que dava acesso ao centro da estrela de cor violeta radiante.

Madhu acompanhou Behosa e ambos entraram na nave estrelada, que levantou voo ultrapassando a escuridão fantasmagórica até alcançar nova luz e voar na posição horizontal. A nave estrelada passou por corredores bem iluminados. Ultrapassando o final do último corredor percorrido, começou a sobrevoar o céu de uma imensa floresta.

Como é possível?, pensou Madhu, confusa. Havia dois maravilhosos sóis no lindo céu rosa. Um grande sol vermelho e outro pequeno sol amarelo vivo. Também se via

um rio com águas verdes bem claras, onde golfinhos saltavam alegremente, pareciam estar tentando seguir a nave estrelada. Era a paisagem mais paradisíaca que Madhu já havia visto. Ficou extasiada.

– Saímos da nave? É tão... mágico! Que planeta é esse?

– indagou Madhu, estupefata.

– A Floresta Lavy fica dentro da nave Shandi33. O céu é imagem holográfica. Mas todo o resto é real.

Nada daquilo parecia real para Madhu. Tamanha beleza e paz a fez se esquecer de questões importantes como seu pai César e sua irmã Natasha, que deviam estar preocupados com o seu sumiço. E ainda havia muitas outras questões sem respostas, como o fato de olvidar-se de seu trajeto até aquela esplêndida e colossal nave alienígena.

Aquele lugar anesthesiava qualquer preocupação presente possível. Era como estar no paraíso citado na *Bíblia*. A verdade era que Madhu não estava nem um pouco com pressa de voltar para casa.

Enquanto sobrevoavam a primorosa Floresta Lavy, testemunhando suas formosas cachoeiras e desmesuradas árvores, Madhu começou a questionar Behosa, pois sua curiosidade sobrepunha a hipnótica visão da floresta.

– Quanto tempo eu fiquei inconsciente aqui na nave? – inquiriu. Era difícil para ela acreditar que estavam dentro de uma imensa nave.

– Foram vinte e três minutos no tempo cronológico de Shandi33 – respondeu Behosa.

– Meu pai vai ficar preocupado quando notar minha falta – disse Madhu, num semblante de preocupação.

– Não se preocupe. Quando voltar ao seu planeta só terá passado poucos segundos fora dele.

Madhu não conseguia duvidar do Dr. Behosa. Por mais absurdas que fossem suas respostas, aquele ser com ar angelical parecia ser incapaz de mentir. E ela já estava

começando a se adaptar à estranheza alienígena do imaginável tomando formas ao seu redor.

– Qual é o tamanho desta nave, a Shandi33? – perguntou Madhu. Parecia um tanto ilógico uma floresta tão grande caber dentro de uma nave intergaláctica.

– A Shandi33 possui um raio de 1.326 quilômetros. Um pouco menor que o satélite de seu planeta.

– Uma nave esférica? – tentou descobrir Madhu, numa admiração de incredulidade.

– Dodecaédrica estrelada na verdade – respondeu Behosa.

A espaçonave estrelada na qual sobrevoavam o interior de Shandi33 atravessou uma grande cachoeira, penetrando em uma caverna rochosa de tom perolado, onde a espaçonave pousou. A caverna se escondia atrás do formoso véu de águas cristalinas que caía de forma graciosa no despenhadeiro abaixo. Uma das pontas da nave estrelada se abriu.

– Venha! – chamou Behosa, saindo da nave estrelada.

O interior da caverna estava iluminado com diversas lagartas bioluminescentes, dando um efeito parecido com um céu estrelado. Os dois caminharam caverna adentro, que acabava numa grande parede de rocha lisa perolada. Esta se abriu, revelando uma cidade. Atravessaram a abertura, entrando num charmoso beco com ares de uma cidade pequena do interior da Inglaterra, muito bem arborizado.

As poucas pessoas que andavam no beco pareciam humanos normais como ela, e não um ser exótico como Behosa.

– Humanos? – procurou conhecer Madhu, se referindo às pessoas que andavam distraidamente no beco, trajadas de túnicas ou macacões justos.

O grande paredão de rocha se fechou às suas costas e

sua forma estrutural rochosa mudou para um paredão de tijolos rústicos coberto de musgo.

– Híbridos e andróides – respondeu Behosa. – Esta é a Ala11. Os híbridos nomearam esta Ala de Shambala.

– A cidade perdida dos tibetanos? – perguntou Madhu, manifestando comoção. Conhecia a lenda budista da cidade perdida dos deuses.

– Não, nem mesmo semelhante. Deram-lhe este nome pelo significado do mesmo. Teremos de pegar uma *vinamaxi*. Andando demoraria três horas para chegarmos ao nosso destino – falou Behosa, seguindo em direção ao que parecia um *jet ski*, que, no local de um volante, havia um painel radiante.

A *vinamaxi* parecia se equilibrar flutuando sobre a calçada. Behosa subiu na frente, espalmou a mão sobre o painel radiante e olhou para Madhu.

– Suba – mandou Behosa, de forma autoritária.

– Para onde estamos indo? – inquiriu novamente enquanto subia na *vinamaxi*. Quando se sentou, uma esfera de vidro envolveu toda a *vinamaxi* e seus dois passageiros.

– Para sua nova e temporária casa – respondeu Behosa, fazendo a *vinamaxi* levantar voo.

Madhu segurou firme na alça de apoio à sua frente, sentindo a adrenalina subir conforme a *vinamaxi* ganhava altitude e velocidade. A *vinamaxi* era bem diferente da nave estrelada a qual nem se sentia que estava voando, pois a força centrípeta era nula em seu interior. Já a *vinamaxi* parecia uma moto voadora em alta velocidade. Mesmo sentindo a emoção começar a correr em suas veias, tinha de investigar a razão de ter sido abduzida. Voltou a questionar Behosa.

– E se eu não quiser ficar? – articulou Madhu, na tentativa de descobrir se tinha alguma escolha.

– Crianças não têm sabedoria suficiente para saber o

que é melhor para elas. Não tem querer, vai ficar. Não temos mais tempo para erros infantis.

Ser chamada de criança irritou Madhu profundamente, pois desde que sua mãe adoeceu de câncer e ficou em coma induzido no hospital, sem chance de voltar a viver, foi Madhu, com apenas treze anos, que teve de decidir por sua eutanásia. Seu pai estava depressivo demais para qualquer decisão, e sua irmã ainda era muito pequena. Seu pai sempre teve uma postura irresponsável e infantil, incapaz de se lembrar até mesmo de pagar uma simples conta de luz. Era um artista, pintor, que se refugiava em suas artes e se esquecia da vida, das filhas, de comer. E, com a morte da esposa, seu alicerce, se refugiou ainda mais em suas pinturas, estava depressivo. Era Madhu quem cuidava dele. Como se já não bastasse ter de cuidar da irmã de nove anos, seu pai lhe dava ainda mais trabalho que a irmã caçula.

– Eu não sou criança! E posso saber quem é que decidiu me confinar nesta nave alucinógena e por quê? – questionou exaltada.

– Tudo ao seu tempo, senhorita Madhu. Terá todas as respostas em breve.

– Dr. Behosa, me faça um favor? Não me chame de *senhorita*, é só Madhu.

– Como queira. E não precisa me chamar de *doutor*, é só Behosa.

Os dois ficaram em silêncio o restante da viagem. Madhu não conseguia tirar os olhos da extraordinária paisagem que se via logo abaixo, com lagos de águas cristalinas em parques floridos, árvores com folhagens alaranjadas e magentas, o céu holográfico ao alto num tom de lilás e mais ao horizonte num tom alaranjado com o grande sol vermelho se pondo.

Apesar da exaltação por não obter respostas, Madhu

nunca se sentiu tão viva e tão feliz. Sentia uma paz profunda, sentia vontade de chorar de felicidade. Sentia que estava finalmente em casa.

Behosa estacionou a *vinamaxi* em frente a um charmoso chalé que parecia ter saído de um conto de fadas. O local era muito arborizado com enormes e majestosos pinheiros, árvores frutíferas desconhecidas e outras floridas totalmente tomadas por flores amarelas, rosas, lilases. Era como ver um chalé escondido num bosque encantado.

Em sintonia com o bosque, a fachada do chalé era de pedras rústicas cobertas de colmo e com uma encantadora chaminé que se erguia bem ao alto. As grandes janelas mais pareciam portas duplas. Trepadeiras floridas subiam contornando o arco da grande porta verde-musgo de entrada. Era uma casa perfeita para Madhu, combinava com seu gosto, com sua personalidade.

– É aqui – informou Behosa, apontando a casa com o queixo.

– É perfeita – constatou Madhu, admirando a arquitetura rústica da fachada de sua nova casa de conto de fadas.

Assim que Madhu e Behosa desceram da *vinamaxi*, uma garota de aparência de adolescente rebelde extravagante abriu a porta. A jovem estava com as mãos sujas de tintas, seu cabelo crespo loiro platinado preso num rabo de cavalo chamava a atenção. Ela sorria e caminhava em passos largos na direção de Madhu.

– Até que enfim, Behozito! – disse a extravagante jovem, dando um amistoso soco no ombro de Behosa. – Estava demorando. Sabe que não gosto de morar sozinha. Melhor uma terráquea do que nada.

A garota pegou Madhu de surpresa com um abraço. Madhu sutilmente retribuiu o abraço.

– Pode me chamar de Liv. E já pode tirar os infropectos, não precisa usá-los em Shambala – disse Liv, que usava um

macacão branco justo no corpo, revelando curvas perfeitas.

– Madhu – disse seu nome em cumprimento. – E, afinal, para que servem esses adesivos mesmo? – perguntou. Ela nem se lembrava que estava com os infropectos colados na testa e nos antebraços. E começou a tirá-los.

Liv, Madhu e Behosa seguiram para dentro do chalé, entrando numa aconchegante sala que mais parecia um estúdio de pintor, com cavaletes, telas e tubos de tintas por toda parte. Liv não parecia ser muito organizada, havia deixado o godê de pintura sobre o sofá que estava coberto com uma manta completamente manchada de tintas, formando acidentalmente figuras exóticas abstratas muito coloridas.

Enquanto os três seguiam para dentro da sala, Liv tomou a iniciativa de responder à pergunta de Madhu:

– Os *puros*, como chamamos quem não é híbrido, têm medo de nós, seres emotivos – disse, revirando os olhos. Acham que podemos atacá-los feitos psicopatas a qualquer momento. Então eles implantam os infropectos em nós para nos manter sobre controle quando temos de sair da linda prisão Shambala para outras Alas da Shandi33. Caso você se torne uma ameaça para a Shandi33 ou para qualquer tripulante, os infropectos vão fazer você apagar.

– Esqueceu-se da parte que monitoramos a saúde dos humanos com os infropectos, que injeta substâncias curativas, se necessário – acrescentou Behosa, em pé, na soleira da porta, dando a impressão de que estava com pressa para ir embora.

– Behozito, você sempre só conta o lado bom da história. Garanto que ainda não contou a ela que de agora em diante ela é uma ratinha de laboratório prisioneira – disse Liv, provocando Behosa.

– Preciso ir – informou Behosa, que realmente estava com pressa. – Madhu, amanhã ao nascer dos sóis, Nero virá

buscá-la e levá-la para conhecer sua conselheira. E Liv, não encha a cabeça da Madhu com suas teorias conspiratórias sem cabimento. Namastê, meninas! – disse Behosa, dando as costas e indo embora.

– Espera aí! Você me deve algumas respostas. E que negócio é esse de conselheira? – perguntou Madhu.

Behosa subiu na *vinamaxi* e partiu, ignorando as perguntas da Madhu, que se mantinha em pé na soleira da porta vendo a *vinamaxi* levantar voo e sumir no lindo céu de Shambala.

– Não liga, é o jeito dele, sempre com pressa, sempre sem tempo para nós, inferiores seres emotivos. Mas venha, vou lhe mostrar seu quarto – disse Liv, puxando Madhu pela mão em direção à escada. – Você está com fome? – quis saber enquanto subiam as escadas.

– Huummm... – Madhu não sabia se estava com fome. Eram tantas as novidades, que comer seria a última coisa a pensar.

– Acabei de colher shishades, é a fruta mais doce e suculenta que temos, melhor que chocolate, que não temos nem faz falta. Ah, preciso levá-la para a praia amanhã. É holográfica, não é mar de verdade, mas dá para nadar. Vai ter uma festa, tem gente curiosa para conhecê-la. Você é a única terráquea de toda a Shandi33! Em Shambala, somos todos híbridos ou andróides, menos você, claro! Em outras Alas temos os *puros*, que não têm misturas de DNA. E tome cuidado para não confundir híbridos com andróides. Os andróides são insensíveis e alguns não têm pênis...

Madhu parou de escutar sua nova amiga alienígena ao ouvir a palavra *pênis*. Ela não parava de papear enquanto subiam a escada. Madhu sentia-se cansada, e tudo que ela queria era que a Liv parasse de falar sobre festa na praia com andróide sem pênis e lhe contasse o que realmente importava. O que ela estava fazendo naquele lugar?

As duas entraram em um quarto bem simples, rústico e acolhedor, com poucas mobílias. No centro, estava uma cama *king size* e diversas almofadas com estampas coloridas sobre ela. Um grande espelho fixado na parede lateral de pedras chamava a atenção, dando a ilusão de uma dimensão maior do quarto. Um banco estofado vermelho estilo colonial estava na frente do espelho, e logo ao lado um grande baú velho trazia o charme da era medieval ao dormitório. Duas grandes janelas estavam abertas, revelando uma bela vista do jardim florido.

– Aqui é o seu quarto. Suas roupas foram clonadas, estão todas no baú. Não precisamos de xampu nem sabonete. A água esteriliza e limpa tudo, e deixa os cabelos sedosos. Menos o meu, que é terrível, nada deixa meu cabelo sedoso – disse a tagarela alienígena.

– Desde quando está morando aqui? – Madhu precisava investigar.

– Aqui na casa, aqui em Shambala ou aqui na Shandi33?

– Na nave.

– Eu nasci aqui, em Shandi33, no laboratório da Ala45. Sou híbrida, metade DNA de terráqueo, outra metade DNA siriano. Sou fruto de um experimento para uma nova espécie mais evoluída de terráqueos. Pelo menos é isso que dizem. A diferença de uma híbrida, como eu, para uma terráquea, como você, está mais na porcentagem da utilização da mente e na longevidade do corpo. Por exemplo, eu aprendi seu idioma medíocre em duas horas. Um terráqueo não conseguiria isso. E posso viver em média setecentos anos neste corpo.

– Onde estão seus pais? – tentou saber Madhu.

– Nossa sociedade é diferente da sua, terráquea. Não temos pais, nascemos em laboratório, de dentro de uma cápsula bolha e não de dentro de um útero. Eca! Não nos interessa saber quem foi o nosso doador de DNA.

– Quem cuidou de você quando era apenas um bebê?

– Minha conselheira e seus auxiliares. Cada criança híbrida possui um conselheiro. Cada conselheiro tem como dever educar sete crianças. As crianças vivem na Ala 7. Depois que deixam de ser crianças, são trazidas para Shambala e não necessitam mais de conselheiros. Mas você, pelo jeito, precisa.

– Liv, eu preciso saber, me conte tudo, nem sei por que estou aqui. O que eles querem de mim? Você sabe?

– Não sei, só tenho teorias e suspeitas. E a sua conselheira me orientou para eu não lhe dizer nada. Ela mesma quer explicar. Se eu disser a minha teoria sobre esse assunto, tomo uma advertência. E não preciso de mais uma na minha lista de advertências, poderia perder algumas regalias importantes, como liberdade para sair de casa e voltar quando eu bem quiser. Sua presença aqui é um mistério. Os cientistas estão sempre cheios de segredinhos. Melhor você descansar. Tenho certeza de que amanhã Nero vai passar aqui bem cedo, e você ainda deve estar com a substância calmante liberada pelos infropectos no sangue. Sua conselheira vai poder responder todas as suas perguntas. Faça perguntas inteligentes e não idiotas de terráqueos sem noção.

Liv saiu do quarto e fechou a porta, deixando Madhu sem respostas e ainda mais confusa.

Madhu se sentia extremamente sonolenta e cansada. Devia ser efeito de alguma droga no organismo, como disse Liv. Não teve outra escolha a não ser se jogar na cama e dormir.

Capítulo 2

Madhu estava presa, encolhida numa pequena gaiola que fedia carniça. Seu pânico aumentava ao saber que logo o grande Dragão iria acordar para devorá-la. O mínimo barulho poderia acordá-lo. Por isso respirava sem produzir nenhum ruído. Mas sabia que seu esforço só estava postergando o inevitável: iria morrer.

O Dragão acordou, abriu seus vorazes olhos vermelhos que revelavam vigorosa fome ao ver sua presa engaiolada. Sua baba gosmenta escorria lentamente pelos cantos de sua enorme boca semiaberta. Aproximou-se vagarosamente da gaiola com o olhar fulminante. Usou sua destemida garra para abrir a gaiola e, ao abri-la, devorou seu jantar numa única bocada.

Madhu acordou sem fôlego, com a camiseta úmida de suor grudada no corpo. Nunca teve um pesadelo tão impiedoso. Olhou ao redor, pelo menos agora sabia onde estava. *Shambala!* – lembrou-se. Só não sabia por que estava presa naquela fascinante cidade de faz de conta e ansiava por uma resposta. Mas não antes de comer. Estava com o estômago reclamando de fome.

Na noite anterior, assim que Liv saiu do quarto e fechou a porta, Madhu se jogou na cama e dormiu em poucos minutos, ignorando sua fome de tão cansada que estava.

Precisava tirar a roupa suada e colocar outra limpa. Foi até o baú e, ao abri-lo, ficou espavorida ao ver todas as suas roupas. *Como é possível?*, pensou. Parecia não estar faltando nenhuma peça. Trocou-se e desceu a escada, seguindo direto para a cozinha.

Entrando na cozinha, teve a bela visão de dois sóis através da janela. Sentiu um cheiro perfumado que despertou ainda mais seu apetite. Notou que o delicioso aroma vinha das inusitadas frutas amarelas que estavam num cesto na mesa de centro da cozinha. Sua fome era tamanha que catou uma fruta e deu uma imensa mordida. E não se arrependeu nem um pouco: era a fruta mais saborosa que já havia experimentado na vida, nada se comparava àquele sabor! Quando estava devorando a terceira fruta, Liv aparece pela porta da cozinha que dava para o jardim nos fundos da casa.

– Sabia que iria adorar as shishades, não há quem resista. Colhi pensando em você que, a propósito, está atrasada.

– Bom dia para você também, Liv – disse Madhu, com a boca cheia de shishades. – Atrasada?

– Nero, o assessor da sua conselheira, deve estar chegando, e sua boca está suja de shishades. Meu Vishnu, terráquea! Nem aprendeu a comer direito sem se lambuzar no seu planeta primitivo? Deixe-me ajudá-la – Liv catou um pano de prato pendurado próximo da pia, se aproximou de Madhu com o suave tecido alienígena e limpou o canto da boca de Madhu dos restos de shishades.

– Obrigada. Pode deixar que eu mesma limpo. – Madhu pegou o tecido da mão de Liv e terminou de limpar sua boca.

O doce deleite com as shishades fez com que Madhu se esquecesse do importante encontro com a sua conselheira. Estava ansiosa em vê-la, pois esperava que todo o mistério sobre sua abdução fosse esclarecido.

– Preciso lavar as mãos. – Madhu seguiu em direção à pia da cozinha quando ouviu batidas na porta da entrada da casa.

– Pode ir lavar as mãos, eu abro – disse Liv, seguindo

*image
not
available*

Deusa Budista Tara Branca. Existiam três degraus de escadas ao redor de toda a piscina e lindos pilares de uma pedra branca radiante esculpida com formas geométricas estupendas. Do lado esquerdo, ficava uma enorme lareira com chamas azuis-celestes.

Bem no centro, com os braços abertos esperando pelo abraço de Madhu, estava Tarala Shanata, sua conselheira. Com enorme cabelo louro-escuro acinzentado e excêntricos olhos violetas, vestia um belíssimo longo branco com mangas compridas e gola alta. O vestido reluzia com minúsculas e abundantes pedrinhas de diamantes por toda a sua extensão. Com traços delicados como os de uma criança e um olhar penetrante de profundo amor e bondade, Tarala parecia ter luz própria, exatamente como todo aquele maravilhoso Castelo de Diamante. Ela transmitia uma doce ingenuidade, suavidade, alegria e paz profunda.

Sem hesitar, Madhu aceitou o amoroso abraço de sua conselheira. Sua paz e alegria eram tanta que Madhu começou a chorar. Nunca havia se sentido tão amada e protegida. Só agora ela entendia a imensa força do poder do amor. Nada na vida era mais grandioso que aquela força emitida do coração de Tarala.

– Minha amada menina. Estou tão feliz em ter você nos meus braços, protegida. Você é tão profundamente amada, minha criança – disse Tarala, na sua suave e angelical voz, com ternura, acariciando os longos cabelos acobreados de Madhu. – Sei que está confusa e preocupada. Estou aqui para ajudá-la. Faça quantas perguntas quiser. – Tarala indicava com o braço num gesto lento e suave para que Madhu se sentasse com ela nas almofadas macias e coloridas diante da lareira. Deixou que Madhu seguisse na frente e se acomodasse primeiro.

A lareira exalava um aroma doce delicioso. As chamas azuis não emitiam calor, era como estar diante de uma

*image
not
available*

dentro do vazio. O tempo no interior desta forma geométrica pode voltar ao passado quantas vezes forem necessárias, até a lição ser aprendida. Ninguém pode entrar no planeta Terra vindo do futuro, por isso não podemos salvar o planeta Terra dessa forma, intervindo nos eventos passados.

– Quanto à sua memória, teve de ser perdida para protegê-la do medo indigesto, mas toda a informação das experiências vividas nas jornadas anteriores a bordo de Shandi33 permanece no seu inconsciente, e você vem se fortalecendo a cada novo recomeço. Você é a primeira espécie a testar essa nova tecnologia de evolução que encontramos numa isolada estrela distante. Estamos fazendo reajustes nesse novo método experimental do qual você é cobaia. Em breve saberemos se nossos reajustes irão funcionar.

Tarala deu uma pausa antes de continuar a explicação. Madhu se esforçava para permanecer focada, atenta na explicação, enquanto olhava para as chamas azuis-celestes da grande lareira à frente.

– A base para a criação dos multiversos é matemática, música é matemática. Por isso, para que entenda os multiversos e o vazio, farei uma analogia com a música. Na música existem doze sons harmônicos principais, assim como existem doze universos. Depois desses doze sons harmônicos, há um espaço entre a última nota dos doze sons harmônicos principais e a primeira nota dos seguintes doze sons harmônicos que estarão numa outra frequência. Esse espaço entre sons harmônicos é o vazio ou “o muro”, como é conhecido na música. Cada nota musical representa um universo, as notas subsequentes representam os universos paralelos. Os doze sons harmônicos seguintes de outra frequência representam os universos paralelos de outra dimensão. O vazio fica entre uma dimensão e outra –

*image
not
available*

– O castelo é feito de diamante, por isso se chama Castelo de Diamante, e muda de cor conforme o estado mental de Tarala. O pensamento tem o poder de mudar a matéria, mas, com Tarala, esse poder é muito maior – explicava Niki, com carinho na voz.

– Você disse *diamante*? Está falando sério? – interrogou Madhu, surpresa.

– Sim, o diamante foi retirado de um planeta inóspito que continha tanto diamante quanto a Terra contém ferro. Mas não era isso que queria lhe mostrar. Vamos! – chamou, virando-se e voltando a andar bosque adentro.

Depois de breves minutos, chegaram a uma pirâmide de cristal que estava escondida entre os imensos pinheiros do bosque. Subiram uma pequena escada para ter acesso ao interior da construção por uma porta triangular.

Dentro havia um lago com diversas pedras achatadas expostas sobre ele bem no centro. Neste, que também era o centro da pirâmide, havia uma atraente ilha rochosa.

Niki e Madhu foram pisando de pedra em pedra sobre o lago, com cuidado, até alcançarem a ilha rochosa central. Niki ajudava Madhu com cuidado extremo, segurava em sua mão cada vez que Madhu ia pisar numa nova pedra.

No lago havia lindas carpas coloridas biluminescentes, que iluminavam o interior da pirâmide com cores diversas, criando um lindo espetáculo de luzes coloridas. Na ilha rochosa havia um buquê de margaridas brancas. Niki sentou-se próximo ao buquê e Madhu sentou-se ao seu lado.

Niki alcançou o buquê de margaridas e o entregou para Madhu. – São para você! – disse.

– São minhas flores preferidas! Como adivi... Ah! – recordou-se frustrada de que Niki provavelmente deveria saber diversas questões sobre ela, mas ela não sabia nada sobre Niki.

*image
not
available*

ou seja, não são nossos aliados. São de um universo paralelo, duas notas abaixo da nossa. São grandes cientistas, nos pediram ajuda para salvar a espécie deles. Resolvemos ajudá-los se respeitassem nossas leis, poderiam vir e colher material de vida em nossa Galáxia. Foi assinado um acordo. Porém, nossa relação com os 663 se tornou tensa, sempre entramos em conflitos. Outro problema pendente que temos para resolver. Como se já não bastassem os reptilianos.

– Reptilianos?

– Claro que nem todos nos dão trabalho, muitos reptilianos nos ajudam, são confederados. Nosso atual Capitão, o Capitão Mastara, que comanda Shandi33, é um reptiliano, um humanoide serpente para ser mais exato. É um grande Mestre, com grande sabedoria. Um excelente líder. Todos nós o admiramos. – Niki achou que era hora de parar de falar. Madhu precisava se alimentar e descansar. Ele sentia forte desejo de protegê-la e cuidar dela. – Estou falando demais. Desculpe-me. Você deve estar com fome. – Niki se levantou e ofereceu a mão para ajudar Madhu a se levantar. – Preparei uma cesta de refeição para nós – apontou para uma cesta no chão no canto da pirâmide sobre uma toalha com desenho de uma linda mandala. Na cesta, havia frutas frescas, tigelas com sementes e outras contendo legumes cortados. Ao lado da cesta, sobre a toalha, estavam duas belas taças de cristal cheias de água. Madhu reconheceu as shishades, grandes amêndoas e enormes maçãs. Os demais alimentos eram desconhecidos para ela.

Eles se sentaram ao redor da notável cesta de frutas e legumes vistosos. Madhu ficou indecisa. Não conhecia a maioria dos alimentos à frente, não sabia o que experimentar primeiro.

– Experimente as fafilas primeiro – disse Niki, passando-

*image
not
available*

tronco, onde Niki jogou a cesta e a toalha.

Foi só quando o buraco se abriu no tronco da árvore que Madhu pôde perceber que aquela não era uma árvore de verdade. Pelo menos não como as árvores que conhecia.

Seguiram andando até a *vinamaxi* mais próxima, que os levou até a casa provisória de Madhu. A *vinamaxi* parou bem em frente à fachada do chalé.

– Acho que preciso aprender a pilotar esta coisa – disse Madhu, se referindo a *vinamaxi*. Madhu não queria depender sempre de alguém para se deslocar em Shambala.

– Mas primeiro teria de aprender a comunicação telepática com pedra de crysptina, diamante e cristal. – Niki se sentia triste por Madhu estar num corpo tão limitado. Sabia que, para seres humanos terráqueos, seria impossível comunicar-se telepaticamente com pedras.

Os dois desceram da *vinamaxi*, e Niki acompanhou Madhu até a porta. Ele se aproximou de Madhu, que sentiu seu corpo queimar e seus batimentos cardíacos se acelerarem. Ela foi pega de surpresa com um beijo... No rosto. Não era bem o que ela queria. Mesmo assim, aquele simples beijo tirou seu fôlego.

– Passo para pegá-la daqui duas horas. Aproveite para descansar – disse Niki.

– Obrigada, Niki. Pela refeição, por tudo.

Niki beijou o dorso da mão de Madhu e partiu na *vinamaxi*.

Madhu se sentia como se estivesse andando nas nuvens. Não acreditava em paixão à primeira vista até conhecer Niki. Entrou na casa não conseguindo conter um largo sorriso.

Liv estava na sala pintando uma tela num cavalete.

– Você demorou! – exclamou, com uma expressão curiosa no olhar, levantando apenas uma das sobrancelhas. – E pela sua cara, a conversa foi muito boa. Até que enfim

*image
not
available*

Madhu nunca foi vaidosa, muito menos consumista. Não se importava com moda, preferia gastar dinheiro com viagens e livros. Suas roupas eram velhas, típicas de adolescente *nerd*, que comprou quando ainda era uma adolescente de dezessete anos. Desde então não comprou mais peças. Tudo o que tinha para calçar era um sapato boneca estilo retro, um tênis *all star* vermelho e um chinelo *havaianas* verde. Madhu caminhou até o banheiro, onde observou Liv digitar um código num painel na parede ao lado da banheira. E logo ela começou a se encher de água, que parecia sair do ralo. Memorizou o código digitado, para poder preparar o próprio banho da próxima vez.

– E o que eu poderia usar nos pés? – quis saber Madhu preocupada. Seu chinelo verde ou seu sapato boneca não combinavam nem um pouco com o *sari*. Muito menos seu tênis.

– É uma festa na praia, não precisa calçar nada. Tome seu banho – disse Liv, enquanto saía do banheiro.

– Liv, obrigada por tudo. – Apesar da irritante sinceridade de Liv, Madhu gostava do jeito espontâneo e moleque de sua nova amiga. Liv parecia ter a sua idade. Resolveu tirar a dúvida. – Quantos anos você tem?

– Vou fazer quatorze anos no tempo cronológico do seu planeta primitivo.

– Você parece ter bem mais de treze anos em todos os aspectos.

– Característica siriana, que amadurece mais rápido que a terráquea.

– Você deve me achar uma estúpida. – Madhu se sentia tola comparada a Liv.

– Você não é estúpida, Madhu. Você está em um corpo estúpido, é diferente. Nossos espíritos têm a mesma origem, por isso, não sou melhor que você em nada. Só estou num corpo com um cérebro que funciona melhor que